

# A PERCEPÇÃO DA LINGUAGEM NAS RELAÇÕES PROFESSOR-ALUNO

*Mauro Maia Laruccia*<sup>1</sup>  
*Eliane Meneses de Melo*<sup>2</sup>

## Resumo

*Este trabalho apresenta resultados alcançados com a realização de pesquisa auxiliada pela FAPESP, cujo tema versou sobre as funções da linguagem na relação professor-aluno. Foi elaborado um desenvolvimento histórico da linguagem, da comunicação e da interatividade na educação. A fundamentação teórica derivou da realização de pesquisa bibliográfica e documental. Realizou-se, também, pesquisa exploratória para melhorar a compreensão do problema, como ocorrem as funções da linguagem*

---

1. Mauro Maia Laruccia é doutor em Comunicação e Semiótica e Mestre em Administração pela PUC/SP. Pesquisador do Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação da UBC. É Professor da FEAPUC/SP e das Faculdades Integradas Campos Salles. Pesquisador com auxílio da FAPESP. E-mail: mauro.laruccia@gmail.com

2. Eliane Meneses de Melo é pós-doutora em Lingüística, Letras e Artes pela UERJ. Doutora em Lingüística pela USP. Pesquisadora do Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação da UBC. E-mail: demelo@uol.com.br

*na comunicação aluno-professor. Para o levantamento de dados, foi adotada amostragem não-probabilística aleatória com dados obtidos por meio de questionário estruturado. A população alvo constituiu-se de professores e alunos cadastrados na base de dados do autor, sendo 1357 alunos e 249 professores. Os resultados obtidos demonstram que os professores utilizam predominantemente em sala de aula (27%) a função poética, isto é, os professores focam seu discurso na mensagem. Já, os alunos afirmaram que os professores utilizam o discurso referencial (30%), isto é, os professores, para os alunos, focam seus discursos na função referencial, isto é, baseado no contexto. Por fim, podemos observar para o processo de ensino e aprendizagem que ambos – professor e aluno – não valorizam mensagens baseadas na função conativa ou apelativa, focada no receptor (aluno).*

### **Palavras-chave**

*Linguagem, Comunicação, Educação Superior, Administração.*

### **Abstract**

*This paper presents results achieved with research supported by FAPESP, whose theme deals with the functions of language in the teacher-student. Was developed a foundation of language, communication in education. The theory derived from the conduct of research literature and documents. There was also exploratory research to improve understanding of the problem, as is the role of language and teacher-student interaction. For the survey data, was used non-probability random sampling with data obtained through structured questionnaire. The target population consisted of teachers and students registered in the database of the author, with 1,357 students and 249 teachers. The results show that teachers use predominantly in the classroom (27%) the poetic function, that is, teachers focus on his message. Already, the students said that teachers use the referential speech (30%), ie, teachers, for students, focused their speeches on the referential function, that is, based on context. Finally, we can observe the process of teaching and learning that both – teacher and student – not based on function value messages connate or appealing, focused on the receiver (student).*

### **Keywords**

*Language, Communication, Higher Education, Administration.*

## Introdução

A linguagem humana, historicamente, tem sido abordada de maneiras distintas assim sintetizadas: a) como representação “espelho” do mundo e do pensamento; b) como instrumento “ferramenta” de comunicação; e c) como um tipo de ação ou interação (Koch, 1998, p. 9).

Nessa longa história humana, um marco foi Platão em *Crátilo* apud Gadamer (1997, p. 590-636), com sua teoria das formas puras e reais, ou idéias em si, objeto de percepção mental, em que todo concreto no mundo participa e torna-se objeto de percepção sensorial e nesse mundo ilimitado ou imaterial das formas, a linguagem é um instrumento (*organon*).

Na abertura da sua obra *A Política*, Aristóteles (1998, p. 5) afirma que o homem é um ser social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem, o que permite exprimir uns para os outros significados, opiniões, valores e idéias. Para Rousseau (1978, p. 178), a língua nasce de uma profunda necessidade de comunicação. Wittgenstein (1996) sustentou que a linguagem nos fornece um retrato do mundo. Os limites da linguagem são os limites do pensamento.

O lingüista Hjelmslev (1975), em *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*, afirma que “a linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos” e afirma:

*A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana* (Hjelmslev, 1975, p.1).

A afirmação do lingüista remete ao fato de que ter como interesse reflexivo a linguagem, coloca-se no âmago da reflexão o homem, em seus procedimentos de construção, interação e nos diálogos possíveis construídos com o ‘outro’: sociedade. Evidente em análise mais linear, os fenômenos das linguagens são complexos quando se mergulha nas dimensões dos signos e símbolos criados pelas sociedades humanas e presentes nas diferentes linguagens. (MELO, 2008, p.3)

Lúcia Santaella (1996, p. 65) sustenta que a capacidade simbólica ou linguagem dá acesso à compreensão e à busca do conhecimento. Não

há conhecimento e percepção sem linguagem, afirma Santaella. “*Há qualquer momento, acordados ou dormindo, somos linguagem, somos pensamento. Dormindo, sonhamos e o sono é linguagem, uma estranha espécie de pensamento.*”

Para Chauí (1999, p. 139-140), durante muito tempo a filosofia preocupou-se em definir as origens da linguagem, preocupação que levou à seguinte conclusão: a *linguagem* como capacidade de expressão dos seres humanos é natural, isto é, os humanos nascem com uma aparelhagem física, anatômica, nervosa e cerebral que lhes permite expressarem-se pela palavra; por outro lado, as *línguas* são convencionais, isto é, surgem de condições históricas, geográficas, econômicas e políticas determinadas, isto é, são fatos culturais.

Martinet (1967, p. 11-12) define a *linguagem* como uma “*insti-tuição humana*”, designa a faculdade de que os homens dispõem para se compreenderem via signos vocais. Essa instituição é essencialmente um instrumento de comunicação, bem como sua função reside na comunicação.

Podemos dizer que a linguagem é a *transmissão* de estados mentais através de símbolos. Já a comunicação trata de atos comunicativos ou sêmicos. Nasce de uma intenção de influenciar os semelhantes a fim de obter deles uma colaboração social. Um ato comunicativo é, portanto, portador de uma significação intencional.

Neste sentido, um ato comunicativo torna comum sentido apreendidos presentes nas diferentes linguagens, nos diferentes atos de comunicação, em cada fragmento de expressão. Neste aspecto, signos e símbolos são unidades culturais por onde transitam as marcas da cultura que representam. Quanto mais complexas se tornam as sociedades e suas culturas, maior é o labirinto de significações a ser percorrido, maiores são as possibilidades de leituras realizadas em torno das diferentes vivências humanas a compor os discursos em circulação.

No contexto desta pesquisa, situamos o universo da sala de aula do ensino presencial, ou a distância, no universo da linguagem e, em decorrência, no universo da comunicação. É linguagem que se movimenta na comunicação e produção do conhecimento: discurso pedagógico. Como todo discurso, envolve sujeitos e suas visões de mundo. Por este aspecto, aplicar a clássica teoria das funções da linguagem na produção

do discurso pedagógico, tendo como elemento principal os sujeitos envolvidos nesse discurso, torna-se relevante para os estudos ligados às práticas pedagógicas e ao conhecimento.

### Revisão da Literatura

Omar Calabrese (1985, p. 15-16) define comunicação no sentido moderno, isto é, “*toda transmissão de informação obtida mediante a emissão, condução e recepção de uma mensagem*”. Trata-se, em suma, de um processo socializado, no qual a informação passa entre dois interlocutores (não necessariamente seres humanos), através de um suporte físico (um canal) e por meio de um código (um conjunto de regras para segmentar sistematicamente o material físico portador de um conteúdo também sistematicamente segmentado; e ainda um conjunto de regras para combinar o primeiro com o segundo). Como se pode ver, a “comunicação” é um fenômeno complexo que possui numerosos elementos em jogo: a natureza dos participantes (emissor e receptor), a natureza do canal utilizado (que pode ser desde as ondas sonoras até a luz), a natureza do código (que pode ser desde as regras da língua falada até a linguagem do computador), a natureza das mensagens transmitidas mediante códigos, o processo de emissão e de recepção. Cada um dos fenômenos participantes do processo comunicativo pode ser estudado em sua especificidade e pode dar lugar a pontos de vista diferentes sobre a própria comunicação (Calabrese, 1985, p. 15-16).

Barbara Stanosz (1986), cuja formulação é de caráter pragmático, define que “*comunicação é a resposta discriminada de um organismo a um estímulo*”. A informação é produzida num sistema qualquer (estimulador) e destinada a afetar um organismo (estimulado). O processo da comunicação corresponderia então ao dinamismo induzido pela resposta discriminada ao primeiro estímulo (input-output), que desencadeia novos estímulos e respostas recíprocas.

Várias formulações preocupam-se em delimitar o fenômeno que construirá o espectro de um ato de comunicativo antes de generalizar um conceito que sirva para todas as modalidades comunicativas. Desse modo, para os pragmáticos, é a finalidade ou objetivo da troca que defi-

nirá a natureza de ato comunicativo; para os comportamentalistas, é a intenção que modula a transmissão de informações; e ambos dão grande valor ao emissor.

Para Pierre Lévy o jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros (Lévy, 1996, p. 22).

*...só há comunicação verdadeira quando os interlocutores compreendem ou interpretam os enunciados que lhes são destinados. Mas o que significa dar sentido a um enunciado? Em sentido muito restrito, compreender uma proposição é imaginar a que mundo se assemelha se ela fosse verdadeira. Em outros termos, significa estabelecer uma correspondência entre representações proposicionais (o enunciado a interpretar) e modelos mentais, eventualmente construídos para a ocasião (o sentido do enunciado) (Lévy, 1998, p. 125).*

A interpretação bem como sua presença necessária nas relações comunicativas está ligada tanto com a operação de tradução das informações recebidas ao repertório e às contingências culturais do destinatário quanto ao deciframento do código de transmissão (a língua, a gestualidade, a leitura do ambiente, algoritmos etc.) Eco (1997, p. 6-7).

Devito (1997, p. 20-31) definiu que

*... a comunicação humana é um pacote de signos; a comunicação humana é um processo de ajustamento; a comunicação envolve conteúdo e dimensões relacionais; as seqüências comunicativas são pontuadas; a comunicação envolve transações simétricas e complementares; a comunicação é transacional; a comunicação é inevitável, irreversível e irrepitível.*

A comunicação é inevitável porque, mesmo quando não queremos, estamos o tempo todo emitindo mensagens para o outro não sendo possível voltar atrás naquilo que já foi comunicado, da mesma forma que a comunicação é irrepitível, pois todos estão continuamente mudando. Mesmo quando lemos um livro, ou assistimos a um mesmo filme pela segunda vez, esse filme não será para nós o mesmo filme.

Para Santaella (2001, p. 22) duas pessoas podem estar utilizando o mesmo sistema de linguagem, mas a comunicação só irá ocorrer via um processo de acomodação ou ajustamento contínuo, muito mais necessário entre pessoas de gerações, culturas e classes sociais diferentes. Embora a comunicação seja uma transação contínua, podemos, ao participar do processo, segmentar esse fluxo contínuo em pequenos pedaços que são chamados de causas ou estímulos e respostas ou efeitos. Assim, quando a comunicação é vista como um processo transacional, cada pessoa é, ao mesmo tempo, emissor e receptor, simultaneamente enviando e recebendo mensagens.

As relações comunicativas podem ser simétricas e complementares. Nas simétricas, os indivíduos envolvidos espelham o comportamento um do outro; nas complementares, o comportamento de um serve como estímulo para o comportamento complementar o outro.

Nesse panorama, dos traços comuns a todas as definições que foram enunciadas acima, podemos extrair uma definição ampla e geral da comunicação:

*a transmissão de qualquer influência de uma parte do sistema vivo ou maquinal para uma outra parte, de modo a produzir mudança. O que é transmitido para produzir influência são mensagens, de modo que a comunicação está basicamente na capacidade de gerar e consumir mensagens* (Santaella, 2001, p. 22-23).

Com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, as mídias [meios, instrumentos e técnicas] se multiplicam aumentando a movimentação, interação e interpretação contínua das culturas espalhadas pelo planeta. Podemos dizer de maneira geral que a comunicação ocorre quando uma informação é enviada de um emissor para um receptor. Dessa forma, a informação tem um papel importante em todo o processo comunicativo e educativo e na cultura, uma vez que comunicação implica em *tornar comum* no mínimo um dado da experiência humana.

As novas formas de conteúdos de linguagens que produzem simultaneamente novas estruturas de pensamento, modalidades diferentes de apreensão e intenção, são produzidos por qualquer novo meio de produção de linguagens e de processos comunicativos (Santaella, 1996, p. 135).

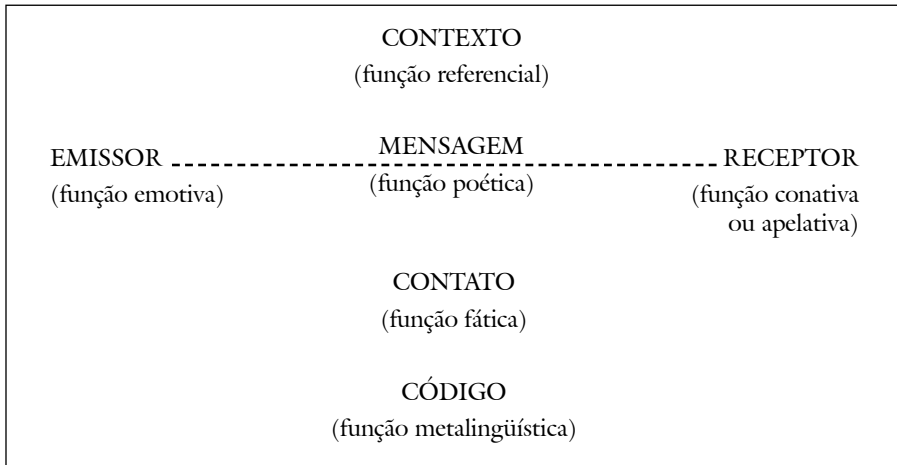
A linguagem pela qual perpassam os sentidos ganham novos atributos em seus contextos de ocorrência, gerando novas possibilidades interpretativas. Porque o homem é objetividade e subjetividade. Tem sido esta a dinâmica da relação do homem com a linguagem: criação, recriação e comunicação. A linguagem é também expressão da emoção, revela a subjetividade humana: emoção do sujeito em sua individualidade, no contraste e convívio com o todo social. Ao refletirmos, ainda que rapidamente, sobre as implicações do sujeito e sua expressividade, sobre aquilo que lhe é particularizado, percebemos como é amplo o universo das representações e significações humanas e como se materializam de formas diferentes (MELO, 2008, p.4).

As aspectos conceituais até agora trazidos para o corpo deste trabalho, destacam aspectos dinâmicos da linguagem e a amplitude de enfoques investigativos possíveis de serem realizados. Por certo que implícito à nossa reflexão está a presença de concepções teóricas que se desenvolveram ao longo do século XX e aos aspectos dinâmicos da linguagem. Jakobson foi um dos lingüistas mais influentes do século passado e desenvolveu um modelo dos seis fatores que constituem os processos de comunicação.

*O EMISSOR envia uma MENSAGEM ao RECEPTOR. Para ser operativa, a mensagem requer um CONTEXTO referido. Este contexto deve ser acessível ao emissor verbal e/ou capaz de ser verbalizado. O outro fator requerido é o CÓDIGO, completamente ou pelo menos parcialmente, comum ao emissor e ao receptor. Finalmente, um CONTATO é requerido, ou seja, um canal físico e uma conexão psicológica entre emissor e receptor, capaz de fazer com que ambos entrem e permaneçam em comunicação (Jakobson apud Nöth, 1966, p. 114-115).*

O ato comunicativo segundo Jakobson, possui seis funções de linguagem: a referencial, a expressiva, a fática, a metalingüística e a poética, como podemos observar no diagrama a seguir.





Fonte: (Nöth, 1966, p. 115)

A função referencial, denotativa ou informativa tem como finalidade transmitir informações objetivas e impessoais que valorizem o objeto ou a situação sem manifestações pessoais ou persuasivas. Essa função é centrada no referente quando o emissor procura oferecer informações da realidade. Objetiva, direta, denotativa com foco na terceira pessoa do singular. Ex. “Segundo Taylor e Fayol ....”.

A função expressiva ou emotiva transmite traço de atitudes pessoais como emoções, opiniões e avaliações. Essa função é centralizada no emissor, revelando sua opinião e emoção com foco na primeira pessoa do singular, interjeições e exclamações. Ocorre quando o emissor demonstra seus sentimentos ou emite suas opiniões ou sensações a respeito de algum assunto ou pessoa, acontece a função emotiva, também chamada de expressiva. Ex.: Nós o amamos muito!! Ex. “Eu acredito que ...”.

A função fática é o canal por onde é transmitida a mensagem e tem como objetivo ajustar o contato com o receptor, prolongar ou testar a eficiência do canal. Na verdade, a função fática ocorre quando o emissor deseja verificar se o canal de comunicação está funcionando ou se ele está sendo compreendido pelas pessoas que o ouvem: ex: “alô!”, “entenderam?” ou “Oi tudo bem?”.

A função metalingüística, centralizada no código, é utilizada para falar de si própria, como em análises, interpretações e críticas diversas. Ex. “O que você quer dizer com isso...” ou “TGA significa ...”.

A função conativa ou apelativa está orientada para o receptor, com expressões gramaticais mais puras no vocativo e no imperativo. Ocorre a função conativa, ou apelativa, quando o emissor tenta convencer o receptor a praticar determinada ação. É comum o uso do verbo no Imperativo, como “Estude assim e aprenda que...”. “Estude assim...” ; “Vocês deveriam ...” é a tentativa do emissor de convencer o receptor a praticar a ação de estudar.

Por fim, a função poética, centralizada na mensagem, nivela os recursos imaginativos elaborado pelo emissor. Utiliza a surpresa e o prazer estético. É a linguagem figurada apresentada nas letras de música, na publicidade e propaganda e nas obras literárias. Ex. “Estudar é bom...” ou “informação-forma-formação”.

As funções da linguagem são determinadas de acordo com a orientação comunicativa, uma vez que toda mensagem pode ter várias funções, mas uma função é sempre predominante ou primária, enquanto as outras desempenham uma função secundária.

### **Comunicação e Educação**

Se examinarmos os recursos utilizados na educação, constataremos uma diversidade de meios e formas de interação, principalmente a lingüística e a face-a-face. Alguns educadores concebem sua atuação em termos de sala de aula, exposição oral, quadro negro, slides, cadernos, manuais, livros, filmes, música etc. Outros preconizam as discussões em pequenos grupos, em que o professor assume o papel de animador. Todos esses procedimentos implicam num tipo de ensino baseado na relação “educador-educando”, em que o educador ora atua e interage pessoalmente face-a-face com o educando, ou se comunica com o educando por intermédio do livro, da imagem e etc.

Sejam quais forem os métodos, procedimentos e linguagens, isto é, meios aos quais recorra, o educador deve necessariamente comunicar-se com o educando. Podemos sustentar que comunicação é educação e educação é comunicação, e que o conhecimento do processo da comunicação é indispensável a quem quer educar.

Assim, é função do educador conduzir o educando para a descoberta e a prática dos valores pelos quais a educação ganha sentido e o próprio educando se auto-realiza, o que se efetua por meio do processo ensino-aprendizagem.

Para, ensinar é um ato de comunicação, de partilha de conhecimentos, sentimentos, idéias, crenças ou valores próprios da cultura de um grupo social. De modo geral, ensinar indica a atividade do professor e o conceito de ensino refere-se à interação professor-aluno, tendo como produto final a aprendizagem.

Qualquer modelo, plano ou sistema de ensino-aprendizagem deve considerar as diferenças individuais, habilidades, experiências prévias e estilos de vida. O aluno, para aprender, precisa realizar um trabalho cognitivo de análise e revisão de seus conhecimentos, para que os conhecimentos sejam significativos e propiciem um nível elevado de competência. A influência do professor e da sua intervenção pedagógica é que torna significativa a atividade do aluno.

O ensino na graduação, deve propiciar aquisição de conhecimentos e mudanças comportamentais sem perder de vista a vinculação entre teoria e prática. Estudar, estagiar, praticar é o momento de fusão entre teoria e prática, ou seja, possibilitar aplicar conceitos abstratos em situações concretas. A prática da administração pressupõe o planejamento, a organização, a liderança, o controle e sob esta ótica vislumbra-se a comunicação, tendo como fator orientador a dignidade humana, o homem como ser único, e é traduzida em crescimento pessoal, com vistas ao outro. Ao inserir o aluno disciplinas teóricas ou em atividades práticas, bem como supervisioná-lo, sem dimensionar a realidade sociocultural e as relações humanas dos elementos por ele permeadas, pode predispor-lo a graves erros e colocar em risco a base da formação profissional.

No desenvolvimento das nossas atividades profissionais, nas diversas disciplinas em que atuamos, temos identificado as dificuldades e angústias que o aluno vivencia ao comunicar-se com o cliente, com o professor e com outros profissionais. Por isso, pesquisar os aspectos da linguagem referentes à comunicação professor-aluno.

### Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como o método *survey* de pesquisa. Segundo Lima (2004, p. 26) o “*método de pesquisa survey é, atualmente, o que melhor representa as características da pesquisa qualitativa.*” Esse método corresponde a uma abordagem do fenômeno pesquisado ao envolver a realização de pesquisa de campo em que a coleta de dados é feita por meio de aplicação de questionário junto à população alvo da pesquisa, que neste caso são alunos e professores universitários e as funções da linguagem e a interação aluno-professor-coordenador.

Conforme McDaniel & Gates (2003, p. 372), adotou-se o tipo de amostragem não-probabilística aleatória, que inclui elementos de uma população selecionados de maneira não aleatória, na base da conveniência, no nosso caso, os alunos e professores existentes em base de dados pessoal, porque são fáceis e baratos de encontrar, porém, com a vantagem de poder ter certeza de obter informações de um corte transversal representativo da população de interesse.

Assim, os dados primários foram obtidos por meio de questionário estruturado, desenvolvido pelo pesquisador eletronicamente no *Qualtrics Survey Software* disponibilizado em <<http://www.Qualtrics.com/>> desde 25 de novembro de 2008. Para McDaniel & Gates (2003, p. 352) com uso de questionários na Internet, os entrevistados completam a pesquisa e os dados são automaticamente coletados e tabulados. As perguntas possuem uma ordem, no entanto, por ser respondida *on-line* foi permitido aos pesquisados liberdade de avançar e retroceder para opinarem livremente.

Nesse sentido, a população alvo da pesquisa foi constituída por alunos e professores de Instituições de Ensino Superior (IES) existentes em base de dados pessoal constituída de 1357 alunos de administração, contabilidade, pedagogia e outros, e de 249 professores. Dos alunos, o total de respondentes foi de 210, ou seja, a pesquisa de campo apresentou uma amostra de 15,4% (quatro vírgula quatro por cento) da população total, e que obteve o acesso para a efetivação da pesquisa. Desses 210 respondentes, 152 (72%) responderam todas as questões. Dos professores, o total de respondentes foi de 59, ou seja, a pesquisa

de campo apresentou uma amostra de 23,6% da população total, e que obteve o acesso para a efetivação da pesquisa. Desses 59 respondentes, 52 (88%) responderam todas as questões.

No questionário formulou-se perguntas fechadas, semi-abertas, abertas, de múltipla escolha, de avaliação, questões de fato, questões de ação e de intenção, conforme descreve Lima (2004, p. 50-71). O questionário para os alunos apresentou-se com 24 (vinte e quatro) perguntas. O questionário para os professores apresentou-se com 22 (vinte e duas) perguntas. O primeiro bloco contemplou os dados sobre o perfil dos respondentes, sobre os recursos, técnicas e atividades utilizadas em sala de aula, sobre a comunicação e linguagem utilizada, e por fim, sobre a dificuldade de aprendizagem. Não houve participação nenhuma do pesquisador, ou seja, o questionário ficou a disposição dos respondentes no ar, *on-line*, e foi preenchido e coletado pelo sistema do *Qualtrics Survey Software*.

### **Resultados e Análise da Pesquisa**

O perfil dos alunos apresentou as seguintes características: 60% são mulheres entre 19 a 29 anos (51%), solteira (56%), com superior completo (44%), trabalha em comércio ou prestação de serviços (56%), estuda nas IES particular (43%) na graduação (40%), no curso de administração (40%).

O perfil dos professores apresentou as seguintes características: masculino (3%) entre 40 a 49 anos (50%), com doutorado (41%) em ciências sociais aplicadas (38%), trabalha predominantemente nas faculdades Integradas Campos Salles (22%) na graduação (22%), no curso de administração (21%), com mais de duas disciplinas.

**Tabela 1 – Perfil dos Professores e Alunos**

Professores	Alunos
39% masculino	60% mulheres
50% entre 40 a 49 anos	51% entre 19 a 29 anos
41% com doutorado	56% Solteira
38% em Ciência sociais aplicadas	44% com superior completo
22% trabalha nas Fac. Campos Salles	56% trabalha em comércio/serviços
22% na graduação	56% estuda em IES particular
22% no curso de Administração	43% graduação
21% com mais de duas disciplinas	40% no curso de Administração

Fonte: Coleta de dados.

Perguntado aos professores sobre o item que mais identifica sua comunicação em sala de aula, 27% responderam que “Estudar é bom para...”, isto é, utilizam linguagem poética. 19% utilizam a linguagem referencial ao responder “TGA significa”. 17% responderam que “Eu acredito que...” e responderam que “Segundo Fayol ...” 15% responderam que “Vocês deveriam ...”, e 4% responderam “‘Oi’, ‘tudo bem’, ‘fiquem quietos’, ‘prestem atenção’”.

**Tabela 2 – Tipo de Comunicação dos Professores**

#	Pergunta	Resposta	%
1	Eu acredito que ...	9	17%
2	Vocês deveriam ...	8	15%
3	Estudar é bom para ...	14	27%
4	“Oi”, “tudo bem”, “fiquem quietos”, “preste(m) atenção”	2	4%
5	TGA significa ....	10	19%
6	Segundo Taylor e Fayol ....	9	17%
	Total	52	100%

Fonte: Coleta de dados.

Já, perguntado aos alunos sobre o item que mais identifica a comunicação em sala de aula de seus professores, 30% responderam que “Segundo Fayol ...”, 21% responderam que “Vocês deveriam ...”, 20% responderam que “Eu acredito que...”, 13% responderam “‘Oi’, ‘tudo bem’, ‘fiquem quietos’, ‘prestem atenção’”, 10% respon-

deram que “Estudar é bom para...”, isto é, utilizam linguagem poética e 6% utilizam a linguagem referencial ao responder “TGA significa”, conforme pode ser observado na tabela 3.

*Tabela 3 – Percepção do tipo de Comunicação dos Professores*

#	Pergunta	Resposta	%
1	Eu acredito que ...	31	20%
2	Vocês deveriam ...	33	21%
3	Estudar é bom para ...	15	10%
4	“Oi”, “tudo bem”, “fiquem quietos”, “preste(m) atenção”	20	13%
5	TGA significa ....	9	6%
6	Segundo Taylor e Fayol ....	47	30%
	Total	155	100%

Fonte: Coleta de dados.

Uma síntese comparativa sobre as funções da linguagem, respondidas pelos professores e alunos indica que os professores utilizam predominantemente a função “poética” (27%) e os alunos identificam a função “referencial” (30%) utilizada pelos professores que pode ser observado na tabela 4.

*Tabela 4 – Síntese do tipo de Comunicação*

#	Pergunta	Função	Professor	Aluno
1	Eu acredito que ...	Emotiva	17%	20%
2	Vocês deveriam ...	Conativa	15%	21%
3	Estudar é bom para ...	Poética	27%	10%
4	“Oi”, “tudo bem”, “fiquem quietos”, “preste(m) atenção”	Fática	4%	13%
5	TGA significa ....	Metalingüística	19%	6%
6	Segundo Taylor e Fayol ....	Referencial	17%	30%
	Total		100%	100%

Fonte: Coleta de dados.

Uma análise da interação mostra (tabela 5) que os alunos, professores e coordenadores comunicam-se satisfatoriamente. Embora a média não seja muito alta (3,78) para professores e (3,84) alunos, Isso indica uma baixa variação nas opiniões dos alunos e professores, fato

comprovado pelo valor do desvio-padrão (0,80) e (0,93) respectivamente. Podemos observar, ainda, que a comunicação aluno-aluno é mais significativa devido a proximidade e a comunicação aluno-coordenador é a menos significativa. Por fim, as medidas de forma alcançaram valores próximos de zero para todos os construtos, evidenciando efetiva distribuição normal e quase simétrica dos dados.

*Tabela 5 – Comunicação/Interação entre sujeitos*

#	Interações	Professores				Alunos			
		Média	Variância	Desvio-Padrão	N	Médias	Variância	Desvio-Padrão	N
1	alunos e alunos	3.78	0.64	0.80	49	3.84	0.93	0.97	152
2	alunos e professores	3.90	0.74	0.86	50	3.67	1.01	1.01	153
3	alunos e coordenação	3.90	1.26	1.12	49	2.67	1.50	1.22	153

Fonte: Coleta de dados.

## Discussão

Alem de proporcionar um meio para fazer com que o conteúdo de uma mensagem seja claro ou obscuro, a linguagem reflete a possibilidade do orador (professor ou aluno) de assumir a responsabilidade por suas crenças, valores e sentimentos. Que pode ser aceita ou rejeitada e determinar um bom relacionamento. Na pesquisa, foi observado que a relação entre alunos e alunos, alunos e professores, e alunos e coordenações de cursos é boa, pois apresenta medias acima de 3, apenas a relação alunos e coordenações de cursos percebida pelos alunos é baixa, apresentando media 2.67.

As declarações pessoais ou impessoais, por exemplo, quando os professores usam declarações pessoais ou linguagem do “eu” o orador é identificado claramente pelo receptor (aluno). Em contraste, nas declarações impessoais é substituído o pronome pessoal “eu” por uma formulação impessoal poética ou referencial. Na pesquisa observamos que apenas 17% dos professores usam linguagem ou declarações pessoais.

Observamos que a linguagem do “eu” é uma maneira de aceitar a responsabilidade por uma mensagem, mas a linguagem do “você” é muito diferente, pois expressa um julgamento da outra pessoa. Essa



linguagem não precisa conter o pronome “você”, que é insinuado e não expressado. Essa linguagem pode levar o receptor a assumir uma posição defensiva. No caso de nossa observação, houve uma frequência elevada, 21% dos alunos perceberam e afirmaram que os professores utilizam esse tipo de linguagem.

Nem todos os problemas de comunicação entre professores e alunos derivam de mal-entendidos. Por vezes os professores e alunos se entendem muito bem, mas ainda acabam em conflito. É claro que nem todas as divergências podem ou devem ser evitadas. O uso da linguagem metalingüística e referencial adequadamente ajuda muito. Por exemplo, evitar confusão nas declarações de fato e opinião. As declarações de fato são alegações que podem ser confirmadas de acordo com o referencial. Já, as declarações de opinião baseiam-se na crenças do orador. No levantamento, 30% dos alunos afirmaram que seus professores utilizam a linguagem referencial, como podemos observar na tabela 4. O que demonstra que os professores necessitam desenvolver essa linguagem, pois os próprios professores (17%) declaram utilizar pouco essa linguagem.

Se examinarmos as linguagens utilizadas pelos professores e percebidas pelos alunos observamos que a predominância encontra-se no código e no contexto, isto é, função poética e referencial. Porém, se desejamos o aprendizado dos alunos, deveríamos orientar a linguagem dos professores no receptor (aluno) e utilizar com predominância a função conativa ou apelativa.

### **Considerações Finais**

A educação pressupõe um processo de comunicação com funções de linguagens e estratégias pedagógicas adequadas às diferentes tecnologias utilizadas. A estratégia didática no ensino significa a escolha de linguagens e os meios de comunicação para possibilitar um aprendizado efetivo. Isto inclui não apenas o conteúdo do curso, mas também decisões sobre o suporte ao aluno, acesso, escolha dos meios e a forma de comunicação ou orientação comunicativa baseada nas funções da linguagem.

O principal agente da transmissão sistemática de conteúdos e conhecimentos é o professor/educador. Isto implica, no reconhecimento

de que a formação do professor deverá dotá-lo de condições reais para produzir e socializar (comunicar) conhecimentos, uma vez que, o professor é um comunicador, um transmissor de idéias; de ideologias; de conceitos; de informações ou mensagens, em suma, um transmissor de conteúdos e conhecimentos. O papel do educador é transformar conhecimentos em material de ensino e transportá-los para o educando com objetivo de aprendizagem.

Sejam quais forem os métodos e procedimentos, isto é, meios aos quais recorra, o educador deve necessariamente comunicar-se utilizando as funções da linguagem com o educando. Podemos sustentar que comunicação é educação e educação é comunicação, e que o conhecimento do processo da comunicação é indispensável a quem quer educar. Devemos, ainda, assegurar a melhoria da qualidade das interações/relações entre alunos, alunos e professores, e alunos e coordenação.

A presente pesquisa apresenta algumas limitações, a saber: (a) trata-se de uma investigação empírica, conduzida com alunos e professores de Instituições de Ensino Superior (IES) existentes em base de dados pessoal pesquisada desde novembro de 2008, portanto, não se refere esta pesquisa a qualquer outro período de tempo, outra região geográfica ou objeto; (b) os pesquisados forma convidados a responder questionários específicos, presumindo-se que as respostas obtidas foram dadas efetivamente pelos respondentes aquém os questionários foram endereçados eletronicamente e expressam a opinião dos respondentes. Dessa forma, apenas este conjunto de respostas foi levado em conta; (c) os dados coletados foram analisados por técnicas estatísticas acima descritas, consideradas adequadas à tipologia ordinal dos dados, pelo que os resultados das análises não levam em conta outras possíveis observações decorrentes do uso de outros instrumentos analíticos.

A pesquisa também é limitada pelos seguintes aspectos: (a) trata-se de uma pesquisa não-probabilística e, por este fato, não é possível extrapolar os resultados para outros professores, alunos ou outras instituições de ensino superiores (IES); (b) os resultados obtidos referem-se apenas ao conjunto de respondentes pesquisados considerando-se que as respostas aos questionários exprimem, de fato, o pensamento dos respondentes.

### Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CALABRESE, O. *A Linguagem da Arte*. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.
- DEVITO, J. *Communications: Concepts and Process*. New York: Longman, 1990.
- ECO, U. *A Estrutura Ausente: Introdução à Pesquisa Semiológica*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- GADAMER, H.-G. *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HJELMSLEV, L. T. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- JAKOBSON, R. *Linguistics and Poetics*. 1960. Disponível em: <<http://courses.essex.ac.uk/lt/lt204/lingpoetics.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2009.
- KOCH, I. V. *A Inter-ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1998.
- LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- LÉVY, P. *A Ideografia Dinâmica: Rumo a uma Imaginação Artificial?* São Paulo: Loyola, 1998.
- LIMA, M. C. *Monografia e a Engenharia da Produção Acadêmica*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- MARTINET, A. *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1967.
- MCDANIEL, C. D. and GATS, R. *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Pioneira
- Thons MELO, E. M. “Discurso Midiático, valores em circulação e identidade.” In *Linguagens, Tecnologias, Culturas*. GARCIA, W. e PRADOS, R. M. N. São Paulo: Factash Editora, 2008.
- NÖTH, W. *A Semiótica no Século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.
- RUSSEAU, J.-J. *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SANTAELLA, L. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.
- SANTAELLA, L. *Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001.
- STANOSZ, B. Communication. In SEBEOK, T. A. *Encyclopedic Dictionary of Semiotics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

Recebido em: maio de 2009

Aprovado para publicação em: outubro de 2009